

# Evocação de José Leite de Vasconcelos. Discurso na Sessão Solene realizada na Academia das Ciências de Lisboa, em 7 de Julho de 2008

LUÍS RAPOSO\*

Exmo. Senhor Presidente da Academia das Ciências de Lisboa,  
Exma. Senhora Secretária de Estado da Cultura,  
Exmos. Senhores Académicos de Número e Correspondentes,  
Exmos. Senhores Convidados,  
Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Há precisamente meio século que nesta casa não se evocava a figura e a obra do Doutor Leite de Vasconcelos. Não que ela tenha deixado de ser aqui lembrada e até cultivada, como bem sei do convívio que levo com alguns dos ilustres senhores académicos, a começar pelos que têm nos últimos anos exercido o honroso lugar de Presidentes da Academia, incluindo V. Ex.<sup>a</sup>, senhor Professor Adriano Moreira, que teve na vida, certamente entre tantas outras, pelo menos mais uma felicidade que a mim me foi negada, qual seja, a de ter conhecido pessoalmente o Doutor Leite e de ter com ele pela primeira vez podido, segundo me confidenciou, juntar ao seu arquétipo juvenil e etéreo de sábio a materialização concreta do mesmo, na pessoa de um simpático ancião que inspirava em vós, rapazes de Campolide, uma admiração e um silêncio porventura hoje difíceis de explicar às novas gerações.

Foi em 20 de Novembro de 1958 que se realizou aqui, neste magnífico salão nobre, a primeira das sessões comemorativas do Centenário do Nascimento do Sábio Doutor José Leite de Vasconcelos. Presidiu então o Dr. Júlio Dantas, ladeado

---

\* Director do Museu Nacional de Arqueologia.

pelo Professor Reynaldo dos Santos, pelo Doutor António Baião, pelo Professor Pereira Forjaz e pelo Doutor Laranjo Coelho. Usaram da palavra o Dr. Júlio Dantas e o Professor Mendes Corrêa.

Todos tinham o privilégio de ter conhecido o Doutor Leite de Vasconcelos. E só assim se explicam as palavras que o Presidente da Academia da altura pronunciou, em termos que os jornais da época reproduzem da seguinte forma:

*Parece-me – dizia o Dr. Júlio Dantas – que o estou vendo, a barba inculta, modestamente vestido, singelo nas maneiras e no trato, quase envergonhado da glória que caminhava com ele, como uma auréola. Rude e austero na aparência, guardava no coração tesouros de bondade. Nunca conheci verdadeiros sábios que não fossem bons e, mais do que bons, sensíveis e compadecidos.*

Ouso julgar ser também esta a memória que, passados cinquenta anos, continuam a guardar de Mestre Leite de Vasconcelos todos os que tiveram a felicidade de o conhecer e apreciar. E não me refiro apenas aos estudiosos da etnografia, da arqueologia ou da filologia. Se alargássemos o círculo dos que conheceram Mestre Leite obteríamos as mesmas impressões. Como não pretendo fazer nenhuma evocação de fundo, que deixarei para os ilustres senhores académicos que me sucederão, a quem aproveito para saudar pela generosidade que tiveram em aceitar o convite de V. Ex.<sup>a</sup> para usarem da palavra nesta sessão, limitar-me-ei a citar só mais uma descrição, por ser vertida em prosa que, de tão rica, chega a ser comovente:

*Por uma manhã de Setembro de 1938... veio bater-me à porta na casa da serra um senhor idoso mas ainda seguro, cabeça tãda de neve propendente, jeito este peculiar às pessoas que se não cansam de interrogar as coisas que se lhes oferecem no caminho, barba antes enselvada que intonsa, olhos demorados sem deixar de ser ariscos, certo remanso no andar embora pisando sem cadência. Era Leite de Vasconcelos o meu visitante inesperado. E pareceu-me ver um dos sete sábios da Grécia, pintados pelo Rev. Barthélemy, descuidados de seu natural e peripatéticos, com o sentido pôsto nos problemas dêste mundo e do outro...*

*Como não havia de ficar desvanecido com o obséquio, tratando-se de um homem venerável a todos os respeito, expoente máximo da mentalidade lusitana na sua feição prática !? Em verdade sempre me prendera a êle, singelo, afável, superior pelo entendimento e o saber, uma simpatia acrisolada feita de reverência e contemplação. A sua obra tão vasta e ao mesmo tempo tão sólida e conscienciosa considereei-a desde que me conheço como o tombo da casa lusitana onde se encontra definida e comprovada a individualidade nacional.*

*Qualquer trabalho de síntese, qualquer esboço de estatuto do povo português partirá necessariamente dali, da Summa preciosa que nos legou.*

Quem assim se exprimiu foi outro grande mestre, que pessoalmente trago no coração e que também não conheci. Refiro-me a Aquilo Ribeiro, que usa destes termos quando dedica ao Doutor Leite o seu livro *Os Avós dos Nossos Avós*, publicado no ano seguinte à morte do Mestre e de que guardamos no Museu Nacional de Arqueologia um exemplar expressamente oferecido e dedicado pelo autor.

Seria assim o Doutor Leite de Vasconcelos segundo nos dizem. E foi assim seguramente a sua obra, segundo a lemos e interpretamos. Talvez o maior cientista social que Portugal já teve. O Homem amante da pátria, mas de uma pátria entendida muito mais como uma conjugação original de gentes e território, ao longo de uma ampla diacronia, do que como uma particular modalidade de organização político-administrativa. O amante das tradições populares, mas igualmente o Homem do progresso social, que defendia em termos desabridos:

*Ó bem aventurado Progresso, quanto te não devem os mortais ! Quão mais justo não era que em vez do culto que muitos prestam a irrisórias imagens, se erguesse a tua estátua em meio do mundo, e a humanidade em peso adorasse o Deus puro e imaculado que se nos revela em ti – afirmava nos seus Ensaios Etnográficos, editados em Esposende em finais do século XIX.*

Hoje, nesta sala, poucos terão já tido o privilégio do conhecimento pessoal do Doutor Leite. Mas todos nos declaramos leitianos. E todos reconhecemos nesta Academia, que foi também a Casa do Doutor Leite de Vasconcelos, o melhor local que poderíamos imaginar para que se exerça em plenitude aquilo que afinal nos faz humanos. O cultivo da memória, entendida como bússola do futuro. Nós mesmos, no Museu do Doutor Leite, procuramos ser portadores desse atributo, a memória, que cultivamos em elevado grau, na nossa qualidade de arqueólogos e historiadores. À falta de conhecimento directo, tiramos mão daquilo que podemos. Neste caso de um imenso arquivo que nos deixou o Doutor Leite de Vasconcelos e que está em grande parte na base da obra magnífica que hoje temos o supremo gosto de lançar nesta Casa. Refiro-me ao álbum *José Leite de Vasconcelos – fotobiografia*, organizado a nosso convite por Livia Cristina Coito, João Luís Cardoso e Ana Cristina Martins e posto em forma pela designer Rita Neves, autores a quem agradeço e felicito vivamente, e no qual contámos com a parceria, que diria providencial, de editora fundada precisamente há cinquenta anos, no

auspicioso ano do centenário do Doutor Leite de Vasconcelos, e onde o Mestre sempre foi cultivado, porque precisamente se deve à obra de outro eminente membro desta Academia, que é também um leitiano confesso – o Doutor Fernando Guedes, a quem saúdo com especial simpatia.

Muito obrigado, pois, Senhor Presidente e Ilustres membros da Academia por manterem viva a chama leitiana e nos terem dado a honra de podermos partilhar convosco essa postura científica, social e acima de tudo humana. Recordando os Mestres não prestamos apenas o preito da homenagem que lhes é devida. Crescemos também com eles.

Disse.

Luís Raposo  
Director do Museu Nacional de Arqueologia  
do Doutor Leite de Vasconcelos